

OS 51 LEITORES DE MÁRIO DE ANDRADE: UMA ANÁLISE DE *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*

THE 51 READERS OF MÁRIO DE ANDRADE: AN ANALYSIS OF *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*

Natália Cortez do Prado¹

Maria Eulália Ramicelli²

RESUMO

No âmbito dos estudos literários, o papel do leitor sempre ocupou espaço um tanto quanto polêmico e variável. Por um lado, negado por correntes como a do formalismo, estruturalismo e *New Criticism*, e por outro, considerado o agente social e ativo, necessário para a concretização da literatura. Dessa maneira, os conceitos de leitor servirão com alicerce para analisar a presença do leitor no romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, publicado em 1927. O trabalho a ser desenvolvido estará focado em analisar como o leitor está configurado no romance e quais são as implicações dessa configuração para a significação da narrativa, em especial, na construção da personagem Fräulein.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor. Romance. Mário de Andrade.

No âmbito dos estudos literários, o papel do leitor sempre ocupou espaço um tanto quanto polêmico e variável. Por um lado, negado por correntes como a do formalismo, estruturalismo e *New Criticism*, o leitor não era visto como necessário para a existência de uma obra. Conforme afirma Compagnon (2012, p. 138): “O livro, a obra, cercados por um ritual místico, existem por si mesmos, desgarrados ao mesmo tempo de seu autor e de seu leitor, em sua pureza de objetos autônomos, necessários e essenciais.” Em outras palavras, o que se privilegia é a essência do texto, conferindo ao leitor um papel passivo e inapto de análise como destinatário de uma obra.

Entretanto, há amplas abordagens teóricas que valorizam a leitura e o papel que o leitor exerce como agente social e ativo, necessário para a concretização da literatura. Em algumas dessas abordagens, o leitor inclusive recebe o papel fundamental de toda a significação de uma obra, como acredita Stanley Fish, teórico que não trata a literatura como um objeto, mas como um acontecimento que somente se realiza através da leitura. (COMPAGNON, 2012, p. 157). Não fazendo uso de nenhuma teoria extrema quanto ao papel do leitor, o que nos interessa aqui de fato são alguns conceitos construídos pela Estética da

¹Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: nataliacdoprado@yahoo.com.br

²Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo – USP. Docente de Literatura na área de Inglês e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: meramicelli@hotmail.com

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 69-79, ago. 2015. Recebido em: 27 mar. 2015.

Aceito em: 27 maio 2015.

Recepção, surgida no final da década de 1960, e cujos principais teóricos foram Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser.

Hans Robert Jauss, em aula inaugural na Universidade de Constança, criticou a maneira pela qual a teoria literária vinha abordando a história da literatura, com métodos de ensino um tanto quanto tradicionais. Dessa maneira, como tentativa de aproximar a história e a literatura, conhecimento histórico e estético, Jauss realizou considerações teóricas responsáveis pelo surgimento da chamada Estética da Recepção, visando renovar essa história da literatura. Como Rocha aponta:

A estética da recepção se articula a partir da reconstrução histórica de juízos de leitores particulares. Inspirado em Hans-Georg Gadamer, Jauss pretendia conceituar o modo como se processa a interação das expectativas tradicionais do leitor frente a um texto específico. A análise da fusão dos horizontes de expectativa com o ato de leitura tornou-se extremamente relevante para Jauss, pois permitia aprofundar a compreensão hermenêutica de Gadamer no que se refere ao relacionamento do passado com o presente. (1999, p. 10)

Enquanto Jauss centra seus trabalhos nesta interação, Wolfgang Iser busca respostas para o ato individual da leitura. O leitor de Iser remete ao conceito de “leitor implícito”, concebido pelo próprio teórico alemão, e tratado como entidade essencialmente ficcional, ou seja, como parte da estrutura textual. Esse leitor implícito é uma espécie de manifestação das expectativas relacionadas ao leitor empírico. Dessa maneira, na concepção de Iser, o leitor empírico entende que há lacunas dentro de uma narrativa ficcional, e que cabe a ele preenchê-las, conferindo assim sentido e estabelecendo comunicação com o texto – mas essa comunicação é particular de cada leitor. Iser rompe dessa maneira com a ideia de uma leitura passiva e linear, onde o sentido do texto estava nas mãos somente do autor (GUIMARÃES, 2012, pp. 42-3). Nas palavras de Iser:

A obra literária tem dois polos, [...] o artístico e o estético: o polo artístico é o texto do autor e o polo estético é a realização efetuada pelo leitor. Considerando esta polaridade, é claro que a própria obra não pode ser idêntica ao texto nem à sua concretização, mas deve situar-se em algum lugar entre os dois. Ela deve inevitavelmente ser de caráter virtual, pois ela não pode reduzir-se nem à realidade do texto nem à subjetividade do leitor, e é dessa virtualidade que ela deriva seu dinamismo. Como o leitor passa por diversos pontos de vista oferecidos pelo texto e relaciona suas diferentes visões e esquemas, ele põe a obra em movimento, e se põe ele próprio igualmente em movimento. (1976 apud COMPAGNON, 2012, p. 147)

Dessa maneira, os conceitos de leitor discutidos aqui servirão como alicerce para analisar a presença do leitor em *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade. Romance publicado em 1927, narra a estadia de uma suposta governanta alemã, Fraülein, na casa da *Revista Literatura em Debate*, v. 9, n. 16, p. 69-79, ago. 2015. Recebido em: 27 mar. 2015. Aceito em: 27 maio 2015.

família tipicamente burguesa, Souza. Ao longo da narrativa, torna-se claro que Fraülein está lá, na verdade, para ensinar a “arte do amor” a Carlos, filho mais velho dos Souza. Há muitos aspectos que se sobressaem nesta ousada narrativa, desde o uso de uma linguagem não formal, até o narrador, que se coloca claramente no lugar do escritor, como se o próprio Mário de Andrade estivesse fazendo parte da construção dessa narrativa ficcional.

Entretanto, em meio a essas peculiaridades apresentadas, há a presença do leitor, que ocupa um amplo espaço ao longo do romance. Como em momentos quando o narrador faz uso do imperativo e parece querer explicar suas escolhas lexicais ao leitor, prevendo a reação deste: “Carlos não se suicidará nunca, *sosseguem*, a palavra pulou sem ser chamada.” (ANDRADE, 2013, p. 133). Ou ao interromper a narrativa para o que se parece mais com uma conversa junto ao leitor:

Não vejo razão pra me chamarem vaidoso se imagino que o meu livro tem neste momento cinquenta leitores. Comigo 51. Ninguém duvide: esse um que lê com mais compreensão e entusiasmo um escrito é autor dele. Quem cria, vê sempre uma Lindoia na criatura, embora as índias sejam pançudas e ramelentas. (ANDRADE, 2013, p. 28)

Se não temos aqui um “você, leitor amigo” direto, como frequentemente nos deparamos nas obras machadianas, é, ainda assim, inegável a presença e importância do leitor concedida nessa narrativa – Fernandez (2012, p. 743) inclusive aponta que “em nenhum outro livro até então foi conferido tamanho espaço ao leitor.”. Por conseguinte, o trabalho a ser desenvolvido estará focado em analisar como esse leitor está configurado no romance em questão e quais são as implicações dessa configuração para a significação da narrativa, em especial, na construção da personagem Fraülein.

1. O idílio dos leitores

“A porta do quarto se abriu e eles saíram no corredor.” (ANDRADE, 2013, p. 19) Assim se inicia o romance de Mário de Andrade. De maneira um tanto quanto misteriosa, as primeiras personagens são apresentadas ao leitor através de um diálogo que entendemos somente depois desta primeira cena acontecer entre a nova “governanta” da casa, e o pai e marido da família Costa.

Com o desenrolar da narrativa, vamos descobrindo um pouco sobre essa família e cada um de seus integrantes. Aos poucos, o narrador larga pistas de qual vai ser, na realidade, o trabalho da governanta Fraülein na casa: “[Fraülein] Alisou os cabelos, deu à gola da blusa, às *Revista Literatura em Debate*, v. 9, n. 16, p. 69-79, ago. 2015. Recebido em: 27 mar. 2015. Aceito em: 27 maio 2015.

pregas do casaco uma rijeza militar. Nenhuma faceirice por enquanto. No princípio tinha de ser simples. Simples e insexual. O amor nasce das excelências interiores. Espirituais, pensava: O desejo depois.” (ANDRADE, 2013, p. 21)

É interessante notar que desde o início da narrativa a construção de Fräulein, a protagonista do romance, se dá através - principalmente - do diálogo existente entre o narrador e seus leitores. O leitor aqui ocupa lugar privilegiado, conhecendo melhor as personagens do que elas acabam por conhecerem umas às outras. Romance carregado de passagens metaficcional, o narrador desse romance parece ter plena consciência do ato individual de leitura e do diálogo que está estabelecendo com seus leitores:

Se este livro conta 51 leitores sucede que neste lugar da leitura já existem 51 Elzas. É bem desagradável, mas logo depois da primeira cena, cada um tinha a Fräulein dele na imaginação. Contra isso não posso nada e teria sido indiscreto se antes de qualquer familiaridade com a moça, a minuciasse em todos os seus pormenores físicos, não faço isso. Outro mal apareceu: cada um criou Fräulein segundo a própria fantasia, e temos atualmente 51 heroínas pra um só idílio.

51, com a minha, que também vale. Vale, porém não tenho a mínima intenção de exigir dos leitores o abandono de suas Elzas e impor a minha como única de existência real. O leitor continuará com a dele. Apenas por curiosidade, vamos cotejá-las agora. Pra isso mostro a minha nos 35 atuais janeiros dela. (ANDRADE, 2013, p. 29)

Ao falar de seus - e com seus - leitores, o narrador está aqui se dirigindo, de fato, à estrutura textual denominada por Iser como o leitor implícito. Ou seja, uma estrutura prefigurada dentro da narrativa. Esse leitor implícito “só existe na medida em que o texto determina sua existência e (...) antecipa os efeitos previstos sobre o leitor; porém, os princípios de seleção que possibilitam a atualização do texto são particulares a cada leitor.” (COSTA, -). Ao apontar para o fato de que se há 51 leitores, há também 51 Elzas criadas, o narrador leva em conta que cada um de seus leitores carrega consigo uma bagagem social, histórica e cultural, o que causa a construção dessas 51 protagonistas diferentes, reforçando assim a ideia de particularidade quanto a esse diálogo do texto e seus leitores, discutido por Iser.

Em seguida, o narrador descreve fisicamente sua Fräulein, nos seus 35 atuais janeiros, dando continuidade a sua conversa com o leitor: “Se não fosse a luz excessiva, diríamos a Betsabê, de Rembrandt.”; “(...) a gente pode olhar com mais franqueza isso que fica de fora e ao mundo pertence, agrada, não agrada?” (ANDRADE, 2013, pp.29-30). A essa altura da narrativa, o leitor possivelmente já inferiu que o papel de governanta exercido por Fräulein é apenas um disfarce, e o seu trabalho, na verdade, consiste em iniciar sexualmente Carlos,

filho mais velho de Sousa Costa e dona Laura. Se no início da narrativa temos Fräulein afirmando que é uma mulher séria e possui “a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão.” (ANDRADE, 2013, p. 19), nesse momento, o narrador deixa escapar que “Fräulein principiara com mais entusiasmo que das outras vezes.” (ANDRADE, 2013, p. 31), oferecendo ao leitor uma “pista” sobre a condução desse romance.

Por outro lado, ao falar de Carlos, o narrador se mostra bem menos discreto, deixando claro que o trabalho de Fräulein está sendo bem feito, e após algum tempo na casa, a governanta já chama a atenção do jovem rapaz:

Porém, o menino já está longe e agora havemos de segui-lo até o fim, entrou no quarto. Mais se deixou cair, sem escolha, numa cadeira qualquer, a boca movendo numa expressão de angústia divina. Queria sorrir... Queria, quem sabe? Um pouco de pranto, o pranto abandonado faz vários anos, talvez agora lhe fizesse bem... Nada disso. O romancista é que está complicando o estado de alma do rapaz. Carlos apenas assunta sem ver o quadrado vazio do céu. Uma final sublime, estranha sensação... Que avança, aumenta... Sorri bobo no ar. Pra não estar mais assim esfregando lentamente, fortemente, as palmas das mãos uma na outra, aperta os braços entre as pernas encolhidas, musculosas. Não pode mais, faltou-lhe o ar. Todo o corpo se retesou numa explosão e pensou que morria. Pra se salvar murmurou: - Fräulein! (ANDRADE, 2013, pp. 44- 45)

Esse sentimento que Carlos constrói por Fräulein torna-se visível não só para os leitores, mas também para os outros membros da família, fazendo com que inclusive a mãe de Carlos, dona Laura, preocupe-se com esse comportamento do filho – visto que até esse ponto da narrativa, ela ainda não está ciente do real papel de Fräulein dentro da casa. Por outro lado, cada vez que o foco da narrativa volta para Fräulein, o narrador volta também para o seu diálogo com o leitor. Por exemplo, quando explica a criação de Fräulein em mais uma passagem metaficcional dentro do romance:

Aquilo de Fräulein falar que “hoje a filosofia invadiu o terreno do amor” e mais duas ou três largadas que escaparam na fala dela, só vai servir pra dizerem que o meu personagem está mal construído e não concorda consigo mesmo. Me defendo já.

Primeiro: que mentira, meu Deus! Dizerem Fräulein, personagem inventado por mim e por mim construído! Não construí coisa nenhuma. Um dia Elza me apareceu, era uma quarta-feira, sem que eu a procurasse. (...) Segunda e mais forte razão: afirmarem que Fräulein não concorda consigo mesma... Mas eu só queria saber neste mundo misturado quem concorda consigo mesmo! Somos misturas incompletas, assustadoras incoerências, metades, três-quartos e quando muito nove décimos. Até afirmo não existir uma só pessoa perfeita, de São Paulo a São Paulo, a gente fazendo toda a volta deste globo, com expressiva justeza adjetivadora, chamado de terráqueo. (ANDRADE, 2013, pp. 55-56)

É interessante notar que esse narrador, que divide um imenso espaço com o leitor dentro da narrativa, não julga de forma negativa ou positiva as personagens, apenas oferece informações e explicações, e busca balancear tudo que informa, sem demonstrar preferências, deixando o leitor encarregado de preencher as lacunas do romance. Como explica Iser:

(...) nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato da leitura. Tal negociação estreita o espaço entre texto e leitor, atenua a assimetria entre eles, uma vez que, por meio dessa atividade, o texto é transposto para a consciência do leitor. Se a estrutura básica do texto consiste em segmentos *determinados* interligados por conexões *indeterminadas*, então o padrão textual se revela um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está. (ISER, 1999, p.28)

Outro ponto crucial dentro da narrativa para a construção de Fräulein está ligado ao momento em que a mãe de Carlos descobre o real motivo da estadia dessa governanta na casa. O fato de Sousa Costa ainda não ter contado a verdade a sua esposa incomoda Fräulein, que afirma aos pais de Carlos que o melhor é ir embora. Porém, sozinha no seu quarto, a governanta alemã mostra-se bastante incomodada com a ideia:

Estava muito pouco Fräulein, no momento. Porque Fräulein, a Elza que principiou este idílio era uma mulher feita que não estava disposta a sofrer. E a Fräulein deste minuto é uma mulher desfeita, uma Fräulein que sofre. Fräulein sofre. E porque sofre, está além de Fräulein, além de alemão: é um pequenino ser humano. Por isso turtuviei no falar que ela pensava: ela sofre. (...) Esse esgotar lento e invisível de forças e gastar de tentativas dia a dia... Súbito: que cansaço! ah!... Não melhora mesmo! E achará casamento?... Brigando, se aviltando por oito contos... Tanaka... Correio Paulistano... Se aviltando não. Abandonava Carlos... Isto lhe doía, doía, não nega não. (ANDRADE, 2013, p. 62)

Fräulein, a séria governanta alemã, que busca trabalhos no Brasil apenas para juntar dinheiro e voltar para seu país, já não é mais a mesma nesse ponto da narrativa. E apesar dessa preocupação financeira, fica claro que Carlos também é uma de suas preocupações, talvez mais dolorida do que a de ainda não poder voltar para a Alemanha. Há aqui o que chamamos de troca de perspectiva do leitor. Se no início da narrativa construímos a imagem de uma mulher que chega à casa dessa família apenas para um trabalho, de maneira séria, decidida e racional, enquanto os pais de Carlos temem que ele irá sofrer em excesso com a partida de Fräulein, agora os acontecimentos mudam a visão inicial que criamos dessa protagonista. Em outras palavras, “no processo de leitura, interação incessantemente expectativas modificadas e lembranças novamente transformadas” (ISER, 1999, p. 17 apud COSTA), e essas constantes modificações das expectativas são provocadas pela própria estrutura do texto ficcional.

Na manhã seguinte à discussão entre Fräulein e os pais de Carlos, Sousa Costa pede que ela desista da ideia de partir, e a governanta decide ficar devido à “insistência” dos dois, ao que o narrador rebate, afirmando de forma bastante irônica: “Ora Fräulein, vá saindo! ninguém insistiu tanto assim.” (ANDRADE, 2013, p. 65). Mas Fräulein, de qualquer maneira, decide ficar.

Após a decisão de continuar na casa, Fräulein e Carlos se aproximam e o relacionamento dos dois evolui rapidamente, até o momento em que Fräulein diz para Carlos ir ao seu quarto, encontrá-la à meia noite. Chegamos então ao que se acredita ser o ápice do romance:

A posição incômoda acordou Carlos. Espreguiçou, empurrando com as mãos a dor do corpo, sentado por quê? ah! lembrança viva enxota qualquer sono. Hora e meia! Desejo furioso subiu. Sem reflexão, sem vergonha da fraqueza, corre pra porta de Fräulein. Fechada! Bate. Bate forte, com risco de acordar os outros, bate até a porta se abrir, entra

Aqui devem se trocar naturalmente umas primeiras frases de explicação – se ele der espaço para tanto entre os dois! – porém obedeço a várias razões que obrigam-me a não contar a cena do quarto. Mas como nos será impossível dormir, ao leitor e a mim, ambos naquela torcida pelo triunfo de Carlos, vamos gastar este resto de noite resolvendo uma questão pançuda: (...) (ANDRADE, 2013, p.76)

Para surpresa dos leitores, não temos detalhes desse momento tão esperado dentro da narrativa. Porém, mais uma vez, o narrador mostra consciência da expectativa criada pelos leitores, que não vão conseguir dormir ou largar o livro nesse ponto, curiosos com os acontecimentos posteriores. O que era pra ser um momento de certa inquietude para o leitor, acaba por tornar-se engraçado devido a esse irônico narrador e sua maneira sincera de seguir com a história.

Os amantes começam a se encontrar com certa frequência, à noite, sempre no quarto de Fräulein. Mas o narrador continua a não querer contar tudo aos seus leitores: “Se eu contasse tudo, a verdade, mesmo dosada, viria catalogar este idílio entre os descasamentos naturalistas, isso é impossível, não quero.” (ANDRADE, 2013, p. 118) De qualquer maneira, Fräulein cumpre seu trabalho e, dessa maneira, está na hora de o idílio acabar. Na hora de partir, Carlos visivelmente sofre, desespera-se entre lágrimas e Fräulein, pela primeira vez, parece também não conseguir esconder a tristeza em deixá-lo. Já dentro no automóvel, Sousa Costa “olhava de soslaio pra ela, sem compreender.” (ANDRADE, 2013, p. 129)

O idílio termina, mas a narrativa continua: “O idílio acabou. Porém se quiserem seguir Carlos mais um pouquinho, voltemos para a avenida Higienópolis. Eu volto.” (ANDRADE, 2013, p. 131). Carlos sofre nos primeiros dias sem Fräulein, mas o luto logo passa, e Carlos

envolve-se em sair com os amigos, jogar futebol, beber, fumar e ir ao cinema. A narrativa termina com mais uma troca de perspectiva: se achávamos que Carlos sofreria muito mais do que Fräulein, não é dessa maneira que as coisas ocorrem no reencontro dos dois.

Fräulein, já com um novo emprego, avista Carlos no carro, e ao tentar chamar a atenção do rapaz, Carlos apenas olha para Fräulein, manda-lhe “um gesto rápido de cabeça, quase saudação. E continuou brincando com a holandesa. Fräulein se doeu, tomou com o baque seco nas entranhas. (...) Carlos não fez por mal! foi mostrar que reconhecia e machucou.” (ANDRADE, 2013, pp. 139-140). Por fim, a tristeza final de Fräulein – assim como durante a narrativa – também se encontra visível apenas para o leitor. Fräulein sofre, e já não sente mais vontade de continuar seu atual trabalho com Luís, mas Carlos está bem, e irá se casar bem, com uma moça da mesma classe, exatamente como seus pais planejaram. O trabalho de Fräulein foi cumprido.

Comentários finais

O diálogo travado entre narrador e leitor faz desse romance uma narrativa ficcional um tanto quanto singular. Além de outras peculiaridades, como a linguagem extremamente informal, interrupções que causam estranheza ao leitor empírico e comentários irônicos e cômicos por parte desse narrador. Dessa maneira, não é de se estranhar que *Amar, Verbo Intransitivo* seja relevante até os dias de hoje quando estamos tratando e estudando a nossa literatura brasileira.

Esse peculiar narrador, que se coloca como escritor, faz com que tenhamos a impressão, muitas vezes, de estarmos ouvindo uma história, e não a lendo. E as implicações desse diálogo que ele mantém com o leitor implícito tornam-se essenciais para a construção dessa narrativa, principalmente quando falamos da protagonista Fräulein. Irenísia Torres de Oliveira (apud BUENO, 2004, p. 28) afirma que Fräulein compõe juntamente com outras figuras femininas da literatura brasileira “uma marcante *galeria das vencidas*”. Ao analisarmos essa galeria, podemos afirmar que Fräulein acaba como uma vencida, se pensarmos que ela chega na casa da família Sousa Costa com um objetivo e acaba sendo desviada do caminho que estava pronta para traçar, porém esse desvio é causado pelos seus próprios sentimentos. Mas para quem Fräulein é uma vencida? Só quem sabe das angústias, pensamentos, ideias e (des)ilusões de Fräulein é o leitor. Fräulein não expõe verbalmente seus incômodos para as outras personagens, dessa maneira, apenas no diálogo estabelecido

pelonarrador com o leitor implícito é que temos a consciência do que realmente está se passando com a protagonista do romance. Para Sousa Costa, dona Laura e seus filhos, Fräulein é um “mecanismo novo da casa” (ANDRADE, 2013, p. 24), e se ao final a sua partida se dá de maneira um tanto quanto dramática, a casa sofre por ver Carlos sofrer, e não por Fräulein partir. Afinal, ela começa e termina sendo simplesmente esse mecanismo, que depois do trabalho feito, não ocupa mais nenhuma função ou relevância, podendo assim partir para que a família Sousa Costa siga como se Fräulein não tivesse nunca passado por lá.

Dessa maneira, o leitor configurado dentro do romance implica diretamente na configuração da protagonista. Sem esse diálogo entre narrador e leitor, não seria possível ter o entendimento e a compreensão que temos de Fräulein ao final da narrativa, ou seja, essa construção às avessas de uma personagem que acaba desconstruída.

ABSTRACT

In the field of literary studies, the role of the reader has always been somewhat controversial and variable. On one hand, denied by formalism, structuralism and New Criticism, and on the other hand, considered the social agent, essential to make literature happen. This ways, the concepts of the reader will be used as a basis to analyse the presence of the reader in the novel *Amar*, verbointransitivo, de Mário de Andrade, published in 1927. The article to be developed will focus in analyse how this reader is shaped in the novel and which are the implications of this to the meaning of the novel, especially, in the role of the character Fräulein.

KEY-WORDS: Reader. Novel. Mário de Andrade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Amar, Verbo Intransitivo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- BUENO, André. Memórias do futuro: mitos do Brasil moderno In: HELENA, Lucia (org). *Nação-invenção. Ensaio sobre o nacional em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / CNPq, 2004, p. 15-29.
- COMPAGNON, Antoine. O Leitor. In: *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.137-161.
- COSTA, Márcia H. M. da Silva. *Estética da Recepção e Teoria do Efeito*. Disponível em: <http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2014.

FERNANDEZ, Sonia. Novas provocações à história da literatura brasileira In: *Anais do IX Seminário Internacional de História da Literatura*. Porto Alegre: PUC, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/98.pdf>>. Acesso em: ww out. 2014.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Introdução In: *Os leitores de Machado de Assis*. 2.ed. São Paulo: Edusp / Nankin Editorial, 2012. p.25-54.

ISER, Wolfgang. Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica In: ROCHA, João Cezar de Castro (org). *Teoria da ficção. Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Tradução de Bluma W. Vilar e João Cezar de C. Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p.19-33.

ROCHA, João Cezar de Castro. Introdução. Entre a heurística e a hermenêutica: a reflexão de Wolfgang Iser como alternativa à histórica literária In: ROCHA, João Cezar de Castro (org). *Teoria da ficção. Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Tradução de Bluma W. Vilar e João Cezar de C. Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p.9-15.